

**INFLUÊNCIAS MÚTUAS  
DE UMA MODALIDADE SOBRE A OUTRA  
NO INCONSCIENTE DE UM INDIVÍDUO  
COM UM ALTO GRAU DE LETRAMENTO**

*José Mario Botelho* (UERJ e ABRAFIL)

[botelho\\_mario@hotmail.com](mailto:botelho_mario@hotmail.com)

*Marcela Cockell* (UERJ)

[marcelacockell@hotmail.com](mailto:marcelacockell@hotmail.com)

**INTRODUÇÃO**

Primeiramente, convém ressaltar que é grande e antiga a polêmica existente em torno do assunto sobre linguagem, mormente em relação à questão de serem diferentes ou idênticas a linguagem escrita e linguagem oral. A partir das características das diferentes modalidades da língua (escrita e oral) que Chafe (1987) propôs, podemos concluir que a linguagem oral e a linguagem escrita são semelhantes, já que as influências, que uma exerce sobre a outra em diferentes estágios e em diferentes graus, podem ser observadas.

Brown & Yule (1983), Kato (1987), Marcuschi (2001), entre tantos outros, corroboram a ideia desenvolvida por Chafe (*Op. cit.*) de que a linguagem oral e a linguagem escrita apresentam cada uma as suas particularidades, mas não deixam de ser semelhantes, porquanto são modalidades discursivas de um mesmo sistema linguístico.

De fato, não é difícil constatar que, apesar das características particulares de cada uma das linguagens, o que as distinguem, há muita semelhança entre elas. Entretanto, tais diferenças não se dão de forma dicotômica e oposta.

Botelho (2002) constatou que o fenômeno de influências de uma modalidade sobre a outra se dá nas duas direções, constituindo o que se pode chamar de ciclo de simulações contínuas, à semelhança do que Terzi (In: KLEIMAN, 1995) chamou de reflexividade no desenvolvimento das duas modalidades.

Neste artigo, vamos apresentar elementos que respaldam a nossa crença de que o ser humano normal é capaz de adquirir e processar todas as operações possíveis de uma dada língua a partir

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

dos diferentes graus de letramento que nele se processa natural e paulatinamente. Sendo a linguagem escrita parcialmente isomórfica com a oral, já que ambas se utilizam do mesmo sistema de possibilidades linguísticas (que é a língua) e que um ciclo de simulações contínuas se estabelece ao longo das práticas sociais, os graus de letramento são variados e se relacionam com os estágios de influências de uma modalidade sobre a outra.

A partir dessa concepção, concluímos que num alto grau de influências mútuas ou num estágio avançado do ciclo de simulações contínuas, dá-se um alto grau de letramento, que se caracteriza pelo uso de uma linguagem oral culta. Contudo, tal linguagem oral culta não constitui propriamente a norma padrão da língua, que se refere propriamente à linguagem escrita.

De certo, não se pode negar que ocorre um alto grau de complexidade das influências mútuas nesse estágio avançado do ciclo, e que os produtos linguísticos de um indivíduo de alto grau de letramento se confundem, tornando difícil ao pesquisador distinguir características da oralidade e da escrita no fala desse usuário.

### ***1. O ciclo de simulações contínuas: influências mútuas da modalidade oral e escrita***

Antes de entendermos as influências mútuas entre a linguagem escrita e a linguagem oral e compreender como se efetiva a oralidade culta é necessário delinear algumas questões relacionadas à fala e à escrita.

Primeiramente, podemos destacar a isomorfia observada entre as duas modalidades. Conforme a análise de Botelho (*Op. cit.*, p. 48) a linguagem oral e escrita possui particularidades, contudo não deixam de ser semelhantes, pois são modalidades discursivas de um mesmo sistema linguístico<sup>40</sup>. Além disso, sabe-se que antes mesmo das primeiras produções escritas serem consumadas, a linguagem o-

---

<sup>40</sup> Este sistema linguístico pode ser entendido como um sistema de possibilidades linguísticas (oral e escrita), ou seja, a língua com toda a sua potencialidade, a partir do seu uso e de sua prática social.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

ral já existia. Desse modo, podemos admitir que há mais semelhanças entre a modalidade oral e escrita do que diferenças. Estas semelhanças ou isomorfia tornam-se evidentes, se compararmos produções coloquiais e formais de ambas modalidades, que segundo Botelho:

Há mais semelhanças do que diferenças entre uma conferência e um artigo acadêmico, ou entre um bilhete ou carta familiar e uma conversa, já que ambos se situam numa mesma posição ao longo de um contínuo. (...) Esta isomorfia é mais acentuada em textos (orais e escritos) de indivíduos que mantêm um contato constante com a escrita e a oralidade, isto é, quanto maior for a prática do escrever do falar, maior será a semelhança entre a escrita e a fala. Daí, a crença na influência de uma sobre a outra. (BOTELHO, 2002, p. 49)

Quando admitimos a relação isomórfica entre a fala e a escrita, conseqüentemente, admitimos a influência de uma sobre outra, ou seja, as influências mútuas entre elas. Estas influências constituem um ciclo: na fase inicial a escrita recebe a influência da fala e posteriormente é a fala que recebe a influência da escrita, ou seja, como denominou Botelho, um ciclo de simulações contínuas.

Para descrevermos este fenômeno, partimos, primeiramente, do esquema proposto por Kato (1987, p. 11), que é uma leitura da proposta de Brow & Yuly (*Op. cit.*):

**Fala<sub>1</sub> → Escrita<sub>1</sub> → Escrita<sub>2</sub> → Fala<sub>2</sub>**

A Fala<sub>1</sub> (F<sub>1</sub>) é a fala pré-letramento, desenvolvida pela criança antes do contato com a escrita; a Escrita<sub>1</sub> (E<sub>1</sub>) é àquela desenvolvida inicialmente pela criança ainda procurando representar a fala naturalmente; a Escrita<sub>2</sub> (E<sub>2</sub>) é a escrita pós-letramento, quando a escrita torna-se mais autônoma em relação à fala e já admite inferências gramaticais, e por fim a Fala<sub>2</sub> (F<sub>2</sub>), que é aquela que resulta do letramento e que procura representar a escrita naturalmente. Em suma, podemos concluir que F<sub>1</sub> e E<sub>1</sub> são atividades de pré-letramento, enquanto E<sub>2</sub> e F<sub>2</sub> são de pós-letramento. Segundo Botelho:

Para Brown (1981)<sup>41</sup> há dois tipos distintos de fala: a fala pré-letramento e a fala pós-letramento. Aquela, anterior ao letramento, exer-

---

<sup>41</sup> Neste trabalho, o autor digressiona acerca da linguagem oral e como ela se desenvolve no usuário normal da língua inglesa. Nessa obra, o autor descreve os estágios pré-letramento e pós-letramento no desenvolvimento da linguagem oral.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

ce influência sobre a escrita, dando início ao que venho chamando de isomorfia parcial; esta, posterior ao letramento, sofre influência da escrita, o que faz o falante executá-la conforme o que sabe da escrita. (*Id. ibid.*, p. 50)

A proposta de Brown apresenta variáveis sintáticas, lexicais e morfológicas como fatores de diferenciação entre a fala pré-letramento e pós-letramento. Para o autor, a obediência à norma-padrão constitui uma fala padrão, ou seja, a fala culta, que se encontra desenvolvida na fala pós-letramento. Sabemos que na fala pré-letramento é comum os desvios em relação à norma culta. Contudo, o que podemos destacar como importante contribuição em sua proposta é a sua análise sobre a influência da escrita sobre a oralidade.

Numa leitura da proposta traçada por Kato (*Op. cit.*), Botelho estabelece o ciclo de simulações contínuas, um ciclo vicioso das direções de simulações entre  $F_2$  e  $E_2$ . Dentro desta proposta, a  $E_2$  influencia a  $F_2$ , ou seja, procura-se simular a fala, que por sua vez continua a influenciar a  $E_2$ , que prossegue influenciando a  $F_2$ ; em suma, um ciclo de influências mútuas, conforme o esquema apresentado por Botelho (p. 51):

**Fala<sub>1</sub> → Escrita<sub>1</sub> → Escrita<sub>2</sub> ⇔ Fala<sub>2</sub>**

Entendemos que, apesar do grau de letramento do falante estar relacionado com a prática social, cabe ressaltar que *a priori* o manuseio do sistema escrito é individual. Dessa forma, podemos dizer que um indivíduo que domina bem a escrita, terá esta característica refletida em sua fala, do mesmo modo que um falante com um relativo grau de letramento, apresentará uma fala gramaticalmente correta e semelhante à escrita.

Logo, podemos concluir que não se trata de uma fala padrão, como o quer Brown, mas de uma oralidade culta. Esta oralidade culta é efetivada quando a fala se assemelha à escrita naturalmente de acordo com as normas de uso padrão.

Sendo assim, um falante letrado após um contínuo contato com a escrita reflete em sua fala e em sua produção escrita em relação ao seu nível e domínio. Cabe ressaltar, que não objetivamos delimitar as tênues diferenças entre os falantes com maior ou menor grau de escolaridade e seu prestígio social, mas de delimitar aspectos

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

da oralidade culta na consciência de falantes com alto grau de letramento, ou ainda, no âmbito deste trabalho, com expressivo desenvolvimento da  $F_2$  e da  $E_2$ .

Podemos, ainda, ressaltar que esta oralidade culta é uma interação social, ou seja, tem um uso linguístico tanto em um meio culto quanto popular, num ponto de vista formal e coloquial. A oralidade culta não está presa a cânones gramaticais, mas em um uso da linguagem que se adapta à situação de interação. Nela, destacam-se aspectos gramaticais de uso padrão, em que a correção gramatical, a complexidade estrutural, a clareza, a concisão e outros atributos do bom uso da língua se efetivam numa adequação incontestável.

Retomando ao ciclo de simulações contínuas, que ocorre na relação entre fala e escrita pós-letramento, podemos ainda observar nos estudos de Terzi (In: KLEIMAN, 1995, p. 104) o fenômeno de influência inconsciente entre as modalidades oral e escrita, denominada de reflexividade do desenvolvimento das duas modalidades, em uma releitura do esquema proposto por Kato (*Apud* BOTELHO, *op. cit.*, p. 55):

**Fala<sub>1</sub> ↔ Escrita<sub>1</sub> ↔ Escrita<sub>2</sub> ↔ Fala<sub>2</sub>**

Segundo a autora, um aspecto divisório entre a fase inicial (pré-letramento) e a posterior (pós-letramento) é o impedimento do uso da oralidade na construção da escrita, ou seja, da necessidade de afastar a escrita da língua oral. A fase seguinte observa o uso de textos e conseqüentemente da leitura contextualizada com a fala. Desse modo, traçou-se o esquema em que direcionava que a oralidade e a escrita se influenciavam mutuamente durante um processo de construção destas duas modalidades.

Segundo Botelho (*Ibidem*, p. 55), a influência mútua entre as modalidades oral e escrita só poderiam ocorrer entre a  $F_2$  e  $E_2$ , pois não poderia haver influência entre a  $E_1$  e a  $E_2$ , se levarmos em consideração que as influências ocorrem entre a fala e a escrita. A última por ser autônoma, é muito mais um elemento influenciador da fala.

As influências mútuas de uma modalidade sobre a outra são percebidas nos textos orais e nos textos escritos. Ambos possuem características particulares, no entanto o grau de letramento do falan-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

te/escritor aponta expressivamente estas influências: quanto maior o grau de letramento, maior será o domínio dos elementos linguísticos da fala e da escrita.

Nos primeiros momentos de desenvolvimento da escrita, no pré-letramento, a fala exerce relevante influência sobre a escrita, que *a priori* é inconscientemente entendida como uma representação da fala. Escrevemos da mesma forma como falamos e isso pode ser notado nos solecismos ortográficos que são cometidos ao representarmos as palavras foneticamente. É comum encontrarmos outras marcas de oralidade na produção escrita, conforme assinalado por Botelho (*Ibidem*, p. 56), por exemplo, elementos dêiticos (elementos referenciais), repetição, marcadores discursivos, justaposição de enunciados, discurso citado, segmentação gráfica, grafia correspondente à palavra ou sequência de palavras e autocorreção.

### **2. Breve elucubração acerca do que ocorre no inconsciente de um indivíduo com um alto grau de letramento**

Dentro da proposta do ciclo de simulações contínuas, consideramos a relação entre  $F_2$  e  $E_2$ ; desse modo o grau de letramento deste falante/escritor é relativamente alto, pois tratam-se de modalidades pertencentes à fase de pós-letramento. Neste caso, torna-se difícil delinear as influências da escrita sobre a oralidade e vice-versa, e de que forma isso se dá:

Num primeiro momento, quando a escrita começa a ser sistematizada, a oralidade exerce influência sobre a prática da escrita, visto que é da oralidade que o usuário tem domínio nesse estágio; e, num segundo momento, em que o usuário já tem um certo domínio da escrita, é esta que exerce influência sobre a prática da oralidade. A partir desse momento, viabiliza-se um terceiro, em que se cria um ciclo de influências mútuas, constantes e de difícil descrição, pois o grau de letramento é tão acentuada que já não é possível determinar a referência. (*Ibidem*, p. 70)

Podemos estabelecer, seguindo as propostas de Botelho, que o fenômeno das influências se dá nas duas direções das modalidades oral e escrita, constituindo este ciclo contínuo de simulações, semelhante à proposta de Terzi de reflexividade no desenvolvimento das duas modalidades; e a proposta unilateral de Kato apresentadas anteriormente, abaixo segue o esquema de Botelho (*Ibidem*, p. 69):

**Escrita<sub>2</sub> ⇔ Fala<sub>2</sub>**

Neste ciclo contínuo entre a F<sub>2</sub> e a E<sub>2</sub>, a oralidade exerce influência sobre a escrita do mesmo modo que a prática da escrita exerce influência sobre a oralidade em um indivíduo com alto grau de letramento, e, portanto, com domínio de ambas, embora inconsciente para o indivíduo. Este ciclo é observado a partir do momento em que o uso da norma culta nas práticas discursivas ocorre de forma natural e inconsciente para o indivíduo.

É num alto grau de influências mútuas ou num estágio avançado do ciclo de simulações contínuas que se efetiva um alto grau de letramento. As atividades discursivas de um falante, considerado culto, se caracterizam pelo uso de uma linguagem de bom nível – linguagem oral culta. Tal linguagem oral culta não deve ser tomada como a representação da escrita, que se relaciona à efetivação da norma-padrão, visto que essa oralidade culta não constitui propriamente a norma-padrão da língua.

Observam-se, numa oralidade culta, diversas marcas das influências da escrita: as estruturas frasais se mostram complexas e, conseqüentemente, mais claras e objetivas; os marcadores discursivos e as conjunções e outros elementos conectores são variados; frases relativas e de voz passiva são utilizadas de forma efetiva e corretas; o vocabulário é enriquecido; ocorrem as nominalizações etc.

Vale ressaltar que vimos chamando de “estruturas complexas” aquelas que se apresentam com orações subordinadas, à semelhança daquela estudada por Perini (1979). Logo, oração complexa se opõe à oração simples ou absoluta – aquela que possui todos os seus termos em forma simples.

Assim, o grau de complexidade das influências mútuas nesse estágio avançado do ciclo se nos mostra intenso. Por conseguinte, os textos orais produzidos pelo indivíduo de alto grau de letramento se assemelham demais aos seus textos escritos, apesar das particularidades de cada uma das modalidades da língua. Com isso, uma descrição conveniente de tais produtos discursivos se torna difícil, e ao pesquisador torna-se igualmente difícil fazer a distinção entre oralidade e escrita, como práticas discursivas, na fala do usuário de alto grau de letramento.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Assumimos, portanto, que nesse estágio do letramento é praticamente impossível determinar se é a oralidade que influencia a escrita ou se é a escrita que influencia a oralidade na produção de seus textos. Por ora, só nos é possível afirmar que tais influências mútuas continuam a ocorrer no inconsciente de um indivíduo de alto grau de letramento, e que tal processo é de uma complexidade sem par.

### ***3. Considerações finais***

Procuramos descrever as influências mútuas existentes entre as modalidades oral e escrita, analisando as influências de uma sobre a outra, no inconsciente de um indivíduo com alto grau de letramento. Como vimos, a oralidade e a escrita são semelhantes, ou seja, isomórficas, embora possuam suas particularidades e, por isso sua autonomia.

Para entendermos esta relação, consideramos que o fenômeno de influências mútuas se dá nas duas direções (entre  $F_2$  e  $E_2$ ) denominado por Botelho como ciclo de simulações contínuas.

Observamos que, diferentemente dos esquemas propostos por Kato e Terzi, esse ciclo nos apresenta a relação entre a fala pós-letramento e a escrita pós-letramento, considerando que esta exerce influência sobre aquela e vice-versa, numa relação cíclica. Assim, o usuário normal adquire inconscientemente o domínio oral e escrito, desenvolvendo em seu uso linguístico especificidades da língua escrita e oral de bom nível, e se torna um falante culto.

Certos de que este artigo não encerra a discussão, esperamos ter apresentado aos interessados no assunto subsídios para novas pesquisas, uma vez que muito ainda há que se estudar sobre o tema.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOTELHO, J. M. A natureza das modalidades oral e escrita. *Filologia, Linguística e Ensino*. Tomo 2, V. IX, n. 03. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2005. p. 30-42.



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

\_\_\_\_\_. Entre a oralidade e a escrita: um contínuo tipológico. *Produção e Edição de Textos*. V. VIII, n. 7. CiFEFIL: Rio de Janeiro, 2004. p. 57-69.

\_\_\_\_\_. O isomorfismo entre as modalidades da língua. *Discurso e Língua Falada*. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2003. p. 157-77.

\_\_\_\_\_. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Tese (Curso de Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. A influência da oralidade sobre a escrita. Monografia Inédita (Curso de Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

BROWN, G. Teaching the spoken language. AILA. Brussel. *Proceedings II: Lecture*. 1981, p. 166-182.

KATO, M. A. (Org.). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, I. G. Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita – Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

ONG, W. *Oralidade e cultura escrita*. São Paulo: Papyrus, 1998.

PERINI, Mário A. *A gramática gerativa: Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte: Vigília, 1979.

PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral / escrito*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

TERZI, S. B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Â. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras. 1995. p. 91-117.